

# FASCISMO – UMA DOCTRINA DE RAIVA E MEDO<sup>1</sup>

*Madeleine Albright*

Em Janeiro de 1991, George H. W. Bush disse ao Congresso que “o fim da Guerra Fria foi uma vitória da humanidade... e a liderança da América foi decisiva para que fosse possível.” Do outro lado do Atlântico, Havel acrescentou, “a Europa está a tentar criar uma ordem historicamente nova através do processo de unificação... a Europa em que ninguém mais poderoso será capaz de oprimir alguém menos poderoso, na qual não voltará a ser possível resolver disputas pela força.”

Hoje, decorrido mais de um quarto de século, devemos perguntar o que é que aconteceu a esta inspirada visão; porque parece que está a desvanecer-se em vez de se tornar mais límpida? Porque é que, conforme refere a *Freedom House*, está agora a democracia “debaixo de fogo e em retirada”? Porque há muitas pessoas em posição de poder procurando minar a confiança do público em eleições, nos tribunais, nos media e – na questão fundamental do futuro da Terra – na ciência? Porque é que se permitiram que tamanhas e perigosas divisões se desenvolvessem entre ricos e pobres, cidadãos e rurais, os mais instruídos e os menos? Porque é que os Estados Unidos – pelo menos temporariamente – abdicaram da sua liderança nos assuntos mundiais? E porque razão, decorridos que foram estes anos do século XXI, estamos outra vez a falar acerca do Fascismo?

UMA RAZÃO, SEJAMOS FRANCOS, É DONALD TRUMP. SE PENSAMOS NO FASCISMO como uma ferida do passado, que quase tinha cicatrizado, pôr Trump na Casa Branca foi como rasgar a ligadura e escarafunchar a crosta.

Para a classe política em Washington, D.C. – Republicanos, Democratas e Independentes –, a eleição de Trump foi tão alarmante que teria causado, num filme mudo dos velhos tempos, que um comediante apertasse o seu chapéu com ambas as mãos, o enterrasse as orelhas, saltasse no ar e caísse estatelado de costas. Os Estados Unidos já antes tiveram presidentes imperfeitos; de facto, nunca tivemos outro tipo, mas nunca tínhamos tido um chefe do executivo, na era moderna, cujas declarações e acções se afastam tanto dos ideais democráticos.

Desde os primeiros tempos da sua campanha, e já na Sala Oval, Donald Trump falou asperamente acerca das instituições e princípios que criaram os fundamentos do governo aberto. No exercício do seu cargo, tem degradado sistematicamente o discurso político dos Estados Unidos, demonstrado um espantoso desdém pelos factos, caluniado os seus predecessores, ameaçado de “prender” adversários políticos, tem-se referido a jornalistas consagrados como “inimigos do povo americano”, tem espalhado falsidades acerca da integridade do processo eleitoral dos E.U.A., fomentado insensatamente políticas económicas e comerciais nacionalistas, vilificado imigrantes e os países donde provêm, e alimentado uma intolerância paranóica contra os seguidores de uma das principais religiões mundiais.

Para os dirigentes políticos de outros continentes que denotam tendências autocráticas, estes impulsos constituem uma graça. Em vez de desafiar as forças antidemocráticas, a toda a hora ouço a mesma questão: se o presidente dos Estados Unidos diz que a imprensa mente sempre, como é que Vladimir Putin pode ser censurado por fazer a mesma asserção? Se Trump insiste que os juizes não são isentos e classifica o sistema criminal americano como irrisório, como poderemos parar um líder autocrático como Duterte das Filipinas de desacreditar o seu próprio aparelho judiciário? Se Trump acusa políticos da oposição de traição, só por não aplaudirem os seus discursos, que moral tem a América para protestar contra o encarceramento de prisioneiros de consciência noutros países? Se o líder do país mais poderoso do mundo entende a vida como uma luta sem piedade, na qual nenhum país pode ganhar a não ser à custa de outro, quem levantará

---

<sup>1</sup> Este texto é uma parte substancial do Capítulo Um da obra de Madeleine Albright *Fascism: A Warning*.

a bandeira da cooperação internacional, sabendo que os problemas mais complicados não podem ser resolvidos de nenhuma outra maneira?

Os líderes nacionais têm o dever de pugnar pelos melhores interesses dos seus países; isso é um truísmo. Quando Donald Trump fala de “pôr a América em primeiro lugar”, está a proclamar o óbvio. Nenhum político sério propôs colocar a América em segundo. O objectivo não é o problema. O que distingue Trump de todos os presidentes, desde o miserável trio de Harding, Coolidge e Hoover, é a sua concepção de como os interesses da América devem ser melhor promovidos. Ele entende o mundo como um campo de batalha, no qual cada país tem a intenção de dominar todos os outros; onde as nações competem, como promotores de imobiliário, para arruinar os rivais e espremer cada *penny* de lucro, sem negociar.

Dada a experiência que a vida lhe deu, podemos ver como Trump podia pensar dessa maneira e há certamente casos, na diplomacia e no comércio internacionais, onde é evidente a separação entre vencedor e vencido. No entanto, pelo menos desde o final da 2.ª Guerra Mundial, os Estados Unidos tem advogado que as vitórias são mais prontamente obtidas e mais facilmente mantidas através da cooperação do que por nações agindo isoladamente.

A geração de Franklin Roosevelt e Harry Truman defendeu que os Estados fariam melhor apostando em segurança, prosperidade e liberdade repartidas. O *Plano Marshal* de 1947, por exemplo, fundamentou-se no reconhecimento de que a economia americana estagnaria se os mercados europeus não estivessem aptos a comprar o que os agricultores e os industriais dos E.U. tinham para vender. Isto significa que o caminho para pôr a América em primeiro lugar consistiu em ajudar os nossos parceiros europeus (e asiáticos) a reconstruírem e desenvolverem as suas próprias e dinâmicas economias. O mesmo pensamento conduziu ao *Programa de Quatro Pontos* de Truman, o qual tornou possível a ajuda técnica americana na América Latina, em África e no Médio-Oriente. Uma atitude comparável serviu-nos bem no âmbito da segurança. Os presidentes, de Roosevelt a Obama, procuraram ajudar os aliados a protegerem-se a si próprios e a empenhar-se numa defesa colectiva contra ameaças comuns. Fizemos isto não com um espírito de caridade mas porque tínhamos aprendido, pela via mais dolorosa, que os problemas no estrangeiro, se não fossem enfrentados, podiam, decorrido não muito tempo, colocar-nos em perigo.

Este trabalho de liderança internacional não é o tipo de tarefa que possa alguma vez ser dada como concluída. Os velhos perigos raramente desaparecem por completo e os novos aparecem tão regularmente como o nascer dos dias. Lidar com eles de forma eficaz nunca foi uma questão de dinheiro e poder. Os países e os povos devem unir esforços e isso não acontece naturalmente. Embora os Estados Unidos tenham cometido muitos erros na sua memorável história, têm mantido a capacidade para mobilizar outros Estados devido ao seu compromisso de liderar na direcção que a maioria deseja – a favor da liberdade, da justiça e da paz. O problema que está presentemente diante de nós é saber se, sim ou não, a América pode continuar a exibir aquela marca de liderança sob a direcção de um presidente que não parece colocar muito peso tanto na cooperação internacional como nos valores democráticos.

A resposta interessa porque, embora a natureza tenha horror ao vácuo, o Fascismo dá-lhe as boas-vindas.

HÁ NÃO MUITO TEMPO, QUANDO DISSE A UM AMIGO QUE ESTAVA A TRABALHAR NUM NOVO livro, perguntou-me: “É acerca de quê?” “Fascismo”, disse eu. Olhou-me perplexo. “Moda (Fashion)?” perguntou ele. O meu amigo estava menos enganado do que poderá ter parecido, porque o Fascismo tornou-se, na verdade, algo que pode virar uma moda, insinuando o seu caminho na conversação social e política como uma vinha renegada. Em desacordo com alguém? Digam que é um Fascista, ficando dispensados de basear os vossos argumentos em factos. Em 2016, a palavra “Fascismo” foi objecto de busca no sítio do dicionário Merriam-Webster, sendo, em língua inglesa, a segunda mais procurada, só ultrapassada pela palavra “surreal”, a qual sofreu um súbito crescimento após a eleição presidencial de Novembro.

Usar o termo “Fascista” é revelar-se a si próprio. Para quem milita na extrema-esquerda, qualquer figura destacada do mundo dos negócios corresponde ao paradigma. Para outros, numa não-muito-extrema-direita, Barak Obama é um Fascista – além de ser um socialista e um muçulmano encapotado. Para um

jovem rebelde, Fascismo pode aplicar-se a qualquer restrição de uso do telemóvel imposto pelos pais. Quando as pessoas verbalizam as suas frustrações diárias, a palavra escapa-se de milhões de bocas: os professores são apelidados de Fascistas, e, de igual modo, são-no as feministas, os chauvinistas, os instrutores de ioga, a polícia, os dietistas, os burocratas, os bloggers, os editores, as pessoas que acabaram de deixar de fumar e os fabricantes de embalagem à prova de crianças. Se continuarmos a consentir neste reflexo, acabaremos convencidos de que podemos pôr o rótulo de Fascista em qualquer pessoa ou qualquer coisa que consideremos exasperante – retirando significado ao que deveria ser um termo poderoso.

Então, o que é o verdadeiro Fascismo e como reconhecemos um seu praticante? Coloquei estas questões à turma de licenciados a que dou aulas em Georgetown [...] As perguntas eram mais difíceis de responder do que seria de esperar, porque não há total concordância nem definições satisfatórias, embora os escritores académicos tenham gasto oceanos de tinta a tentá-lo. Parece que cada vez que algum especialista grita “Eureka!” e afiança ter identificado um consenso, surge o indignado desacordo dos seus colegas.

Apesar da complexidade, os meus estudantes estavam desejosos de obter aprovação. Começaram, debaixo para cima, nomeando as características que eram, nas suas mentes, mais estreitamente associadas com a palavra. “Uma mentalidade de *nós contra eles*, adiantou um deles. Outro referiu *nacionalista, autoritário, antidemocrático*. Um terceiro realçou o *aspecto violento*. Um quarto perguntou por que razão o Fascismo era quase sempre considerado de extrema-direita, argumentando que “Estaline era tão Fascista como Hitler.”

Ainda outra notou que o Fascismo é frequentemente ligado a pessoas que são parte de um grupo de uma etnia ou raça distintas, que estão submetidas a uma tensão económica e que sentem que lhe têm sido negadas retribuições de que se consideram merecedoras. “Não é tanto o que as pessoas têm”, disse ela, “mas o que pensam que *deviam* ter – e o que temem.” O medo é a razão pela qual a influência emocional do Fascismo se pode estender a todos os níveis da sociedade. Nenhum movimento pode florescer sem apoio popular, mas o Fascismo é tão dependente dos ricos e poderosos como do homem e da mulher da rua – daqueles que têm muito a perder e daqueles que não têm absolutamente nada.

Esta visão fez-nos pensar que o Fascismo talvez devesse ser visto menos como uma ideologia política do que como um meio para conquistar e conservar o poder. Por exemplo, a Itália da década de 1920 incluía autodesignados Fascistas como força de esquerda (que advogavam uma ditadura dos despossuados), de direita (que defendiam um Estado autoritário e corporativista) e de centro (que procuravam o regresso à monarquia absoluta). O Partido Nacional-Socialista alemão (os Nazis) originalmente congregou apoio em torno de uma lista de exigências que iam ao encontro dos anti-semitas, dos anti-imigrantes e dos anticapitalistas, mas também advogava pensões mais altas para os idosos, mais oportunidades de educação para os pobres, o fim do trabalho infantil e o melhoramento do apoio médico à maternidade. Os Nazis eram racistas e, nas suas próprias ideias, eram simultaneamente reformadores.

Se o Fascismo se preocupa menos com políticas específicas do que com a conquista do poder, o que dizer sobre as tácticas da liderança? Os meus alunos salientaram que os chefes fascistas de que nos lembramos melhor eram carismáticos. Através de um método ou de outro, cada um deles estabeleceu uma ligação emocional com a multidão e, tal como a figura central de um culto, fez vir à superfície sentimentos baixos e muitas vezes horríveis. É deste modo que os tentáculos do Fascismo se espalham dentro da democracia. Diversamente de uma monarquia ou de uma ditadura militar imposta à sociedade desde cima, o Fascismo recebe a energia dos homens e mulheres que estão preocupados por causa de uma guerra perdida, de um emprego perdido, da memória de uma humilhação ou por sentirem que o seu país está em acentuado declínio. Quanto mais doloroso for o fundamento para o ressentimento, mais fácil é, para o líder fascista, captar seguidores, acenando com a perspectiva de uma regeneração ou com a promessa de devolver o que foi subtraído.

Tal como os mobilizadores de movimentos mais benignos, estes evangelistas seculares exploram o quase universal desejo humano de ser parte de uma proeza significativa. Os mais prendados dentre eles têm uma

aptidão para o espectáculo – para orquestrarem as assembleias de massas com música marcial, retórica incendiária, ruidosos aplausos e saudações de braço erguido. Para os partidários, oferecem o prémio de ser membro de um clube de que outros, frequentemente objecto do ridículo, são afastados. Para construir o fervor, os fascistas tendem a ser agressivos, militaristas e, quando as circunstâncias o permitem, expansionistas. Para garantir o futuro, transformam as escolas em seminários para os verdadeiros crentes, esforçando-se por produzir “homens novos” e “mulheres novas”, que obedecerão sem questionar nem hesitar. E, conforme observou um dos meus alunos, “um fascista que lança a sua carreira sendo eleito para um cargo público reivindicará uma legitimidade que outros não possuem”.

Depois de ascender a uma posição de poder, o que é que se segue? Como é que um fascista consolida a sua autoridade? Aqui, diversos alunos começaram a “atirar”: “controlando a informação”; outro logo acrescentou “e por isso temos hoje tantas razões para nos preocuparmos”. Muitos de nós vimos a revolução tecnológica como um conjunto de meios para as pessoas de diferentes posições sociais contactarem umas com as outras, trocarem ideias e desenvolverem uma maior compreensão sobre as razões pelas quais os homens e as mulheres agem da forma que o fazem – noutras palavras, para aperfeiçoar a nossa percepção da verdade. Ainda continua a ser assim, mas agora já não estamos tão seguros. Existe um perturbante aspecto de “Big Brother” por causa da quantidade de dados pessoais que têm sido *uploaded* para os media. Se um publicitário pode usar essa informação para a fazer chegar a um consumidor, em função dos seus interesses individuais, o que é que impedirá um governo fascista de fazer o mesmo? “Suponhamos que eu vou para uma manifestação como a Marcha das Mulheres”, disse uma aluna, “e que ponho uma fotografia numa rede social. O meu nome é adicionado a uma lista e essa lista pode ir parar a qualquer sítio. Como é que nos protegemos contra esta situação?”

Ainda mais preocupante é a habilidade demonstrada por regimes ilegítimos e pelos seus agentes para espalharem mentiras em *websites* deceptivos e no Facebook. Mais ainda, a tecnologia tornou possível às organizações extremistas construir câmaras de eco de apoio a teorias da conspiração, narrativas falsas e formas ignorantes de encarar religião e raça. Esta é a primeira regra da decepção: repetida com suficiente frequência, quase qualquer afirmação, história ou difamação, pode começar a parecer plausível. A Internet deve ser um aliado da liberdade e uma porta para o conhecimento; em alguns casos, não é uma coisa nem outra.

O historiador Robert Paxton começa um dos seus livros afirmando: “O Fascismo foi a maior inovação do século XX e a fonte da maior parte dos seus sofrimentos.” Ao longo dos anos, ele e outros académicos têm desenvolvido listas de muitas das características que enformam o Fascismo. Na parte final da nossa discussão, os meus alunos procuraram compor uma lista semelhante.

O Fascismo, concluiu a maior parte dos alunos, é uma forma extrema de governo autoritário. Os cidadãos são obrigados a fazer exactamente aquilo que os líderes dizem que devem fazer, nada mais, nada menos. A doutrina está ligada a um nacionalismo doentio. Também revoluciona completamente o tradicional contrato social. Em vez de os cidadãos darem poder ao Estado em troca da protecção dos seus direitos, o poder começa com o líder e o povo não tem direitos. Sob o Fascismo, a missão dos cidadãos é servir; a função do Estado é dominar.

Quando se fala acerca deste assunto, é frequente surgirem confusões acerca das diferenças entre o Fascismo e os conceitos relacionados, tais como totalitarismo, ditadura, despotismo, tirania, autocracia, etc. Como académica, podia ser tentada a vaguear nesse matagal, mas como ex-diplomata, estou primariamente preocupada com acções, não com rótulos. Para mim, um fascista é alguém que se identifica fortemente e reivindica o direito de falar em nome de uma nação inteira ou de um grupo, não considera os direitos dos outros e pretende usar quaisquer meios que sejam necessários – incluindo a violência – para alcançar os seus objectivos. Dentro deste conceito, um fascista será provavelmente um tirano, mas um tirano não é necessariamente um fascista.

Muitas vezes, a diferença pode ser vista em quem detém a posse das armas. Na Europa do século XVII, quando os aristocratas católicos combateram com os aristocratas protestantes, lutaram pela Bíblia mas

concordaram em não distribuir armas pelos seus camponeses, pensando que era mais seguro irem para a guerra com exércitos mercenários. Os ditadores modernos também têm tendência para suspeitar dos seus cidadãos, razão pela qual criam guardas reais e outras unidades de segurança de elite para garantirem a sua própria segurança. Um fascista, porém, espera que seja a multidão a protegê-lo. Onde os reis procuram manter o povo refreado, os fascistas levantam-no de modo que quando começa a luta, os seus peões têm a determinação e o poder de fogo para serem os primeiros a atacar.

O FASCISMO FEZ O SEU APARECIMENTO NO INÍCIO DO SÉCULO XX, uma época de vivacidade intelectual e de ressurgente nacionalismo, combinados com um generalizado desencanto decorrente do insucesso dos parlamentos representativos em acompanhar o passo de uma Revolução Industrial fundada na tecnologia. Nas décadas anteriores, académicos como Thomas Malthus, Herbert Spencer, Charles Darwin e o meio-primo de Darwin, Francis Galton, propagaram a ideia de que a vida é uma constante luta de adaptação, com pouco espaço para o sentimento e sem garantia de progresso. Pensadores influentes, de Nietzsche a Freud, ponderaram as implicações de um mundo que, aparentemente, tinha destruído as suas tradicionais amarrações. As sufragistas introduziram a noção revolucionária de que as mulheres também tinham direitos. Líderes de opinião, na política e nas artes, falaram abertamente acerca da possibilidade de melhorar as espécies humanas através de uma procriação selectiva. Enquanto isso, invenções espectaculares, como a electricidade, o telefone, os carros sem cavalos e os navios a vapor, lograram aproximar todas as partes do mundo, embora essas mesmas invenções tenham posto milhões de agricultores e artífices no desemprego. Por toda a parte, as pessoas andavam de um lado para o outro, com as famílias rurais apinhadas em cidades e milhões de europeus a mudar-se, viajando através do oceano.

Para muitos dos que ficaram, as promessas trazidas pelo Iluminismo e pelas revoluções francesa e americana tinham-se tornado ocas. Um vasto número de pessoas não conseguia encontrar trabalho; aqueles que o conseguiam eram, frequentemente, vítimas de exploração ou posteriormente sacrificadas no sangrento jogo de xadrez da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Sobre essa tragédia, escreveu Winston Churchill: “Foram criadas feridas à estrutura da sociedade humana que um século não conseguirá apagar”. Mas com a aristocracia desacreditada, a religião sob escrutínio e as velhas estruturas políticas, como os impérios Otomano e Austro-Húngaro, a desmoronarem-se, a procura de respostas não podia esperar.

O idealismo democrático proposto pelo presidente Woodrow Wilson foi o primeiro a ganhar a imaginação pública. Mesmo antes dos Estados Unidos entrarem na guerra, ele tinha proclamado o princípio de que “todos os povos têm o direito de escolher a soberania sob a qual desejam viver”. Esta doutrina de autodeterminação ajudou a garantir, no pós-guerra, a independência de uma mão cheia dos mais pequenos países europeus e o seu plano para uma organização mundial concretizar-se-ia na Sociedade das Nações. Wilson, no entanto, era politicamente ingénuo e fisicamente frágil; a visão global da América não sobreviveu à sua presidência. Os Estados Unidos rejeitaram a Sociedade das Nações e, sob os sucessores de Wilson, lavaram as mãos dos assuntos europeus, num tempo em que a reconstrução do continente não estava a decorrer satisfatoriamente.

Muitos governos que, depois da guerra, começaram em regime liberal foram confrontados com tensões sociais explosivas, que pareceram exigir políticas mais repressivas. Da Polónia à Áustria, à Roménia e à Grécia, democracias inexperientes procuraram levantar voo para depois se despenharem no solo. No leste, ideólogos soviéticos obstinados reivindicavam legitimidade para falar pelos trabalhadores de todo mundo, assombrando o sono dos banqueiros britânicos, dos ministros franceses e dos padres espanhóis. No Centro da Europa, uma Alemanha ressentida lutou para recuperar o seu pé. E, em Itália, uma besta desordeira, tendo finalmente chegado a sua hora, avançava em passada larga pela primeira vez.

Albright, Madeleine. *Fascism: A Warning* (pp. 4-13). HarperCollins. Edição do Kindle.

Tradução de David Martelo – Maio de 2018